



*A
outra*

METADE

do amor...

RUBENS SILVA

Silva, Rubens A. 1964.
A Outra Metade do Amor / Rubens A. Silva
Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2020

Índice

I. O Despertar de Um Sentimento	8
II. A Sargeta e Eu	12
III. Um Encontrar Comigo Mesmo	15
IV. Amar é Preciso	18
V. Acelerando a Vida	22
VI. Deslocado do Mundo	26
VII. Memória Lenta	29
VIII. Lembrar é Preciso	33
IX. Voltando a Mim	37
X. Mistura de Ideias	40
XI. No Caminho	44
XII. O Começo da Revelação	48
XIII. Anarquia Interior	52
XIV. À Vida Real	56
XV. De Volta a Mim Mesmo	60

XVI. Ufa! Quase Lá	65
XVII. Finalmente, Eu!	69
XVIII. Amor Pela Metade	72
XIX. Vida Sem Sabor.....	77
XX. Sentimentos Concretos	83
XXI. O Mundo Parou	87
XXII. As Pessoas Mudam	96
XXIII. A Outra Metade do Amor	102

**Dói. Corrói. Machuca.
Humilha! A dor das feridas do
amor parecem que nunca terá
um fim...**

Para minha doce filha Luísa
Para Dani, a outra metade

Capítulo I

O DESPERTAR DE UM SENTIMENTO

Aquele domingo amanheceu doloroso. Já era tempo de o sol estar lá no alto, iluminando e aquecendo tudo, mas não. Logo naquele dia, o sol se recusou a dar as caras lá pelos lados do leste.

Era aquele domingo embaçado, sombrio, triste. Parecia que a intenção da natureza era transformar meu domingo numa tristeza interminável, singular, arrasadora.

Avistá-la ao lado de outro foi mortífero. Verdade que demonstrava uma leveza tímida, uma falta de jeito para a situação. Dava a impressão de não estar à vontade, podia-se claramente perceber que sua mente e seu coração estavam em outro lugar.

Mas isso era o que eu percebia. Era somente o que meu coração enxergava. Um coração ainda repartido, dividido, estraçalhado pelas últimas tempestades da vida.

Muito vívida, conseguiu passar a impressão de não me ter avistado. Mas a minha imagem podia ser avistada lá dentro, no fundo de sua alma, certamente ainda tingida pela mácula da minha presença, algo inexplicavelmente proibido, como se o amor machucasse ou se o bem-querer destruísse.

Fato é que meu coração voltou ao ponto zero. Eu, que andava há dias pra lá e pra cá alimentando minha alma com uma pequena esperança de recomeço, naquele momento, entregava-se novamente a um passado tão prazeroso, mas também recheado de amarguras provocadas pela falta de carinho, de atenção e de tantas coisas que completam qualquer relação sadia.

Qualquer pessoa já teria, há tempos, se afastado do perigo que um amor de mão única pode causar, mas eu insistia em pagar alguns momentos de alegria com uma vida inteira de sofrimento e sentimento de rejeição com aquela mulher.

Foi assim que o tempo passou, dando-me a doce ilusão de felicidade, e me devolveu de novo à rua da amargura, ao vale de um desespero que não se explica.

Lá no meu íntimo sempre admiti que a culpa fosse minha, que não há pessoa no mundo que mereça de alguém tanta atenção, tanta dedicação sem qualquer tipo de retribuição.

Bastou afastar-me um pouco que as ideias foram se juntando até me mostrar que aquela pessoa nada mais queria ao meu lado do que o prazer que eu poderia lhe proporcionar, sem um comprometimento que a deixasse envergonhada de compartilhar sentimentos com alguém tão diferente, tão inferior ao que certamente deveria imaginar sobre si mesma.

Essas ideias de rejeição, esses sentimentos de traição, essa decepção gigante, tudo isso foi se transformando

num monstro dentro de mim, até que, finalmente, veio a convicção de que a felicidade não poderia estar naquele caminho.

Teria sido um erro? Não. Definitivamente não; foi uma oportunidade, um aprendizado. Foi a mostra de um caminho onde a felicidade não poderia estar.

Poderia até estar naquela estrada, porém de forma passageira, com os dias contados. Mais cedo ou mais tarde, certamente eu pagaria um preço pelas raras alegrias que havia experimentado ao lado daquela mulher.

Conseguia perceber também que esse preço seria como as dívidas financeiras: quanto mais tempo passasse, quanto mais experimentasse o prazer daquela companhia, maior seria o preço a pagar na fatura da saudade, na incontrolável dívida dos sentimentos.

Conseguí convencer a minha cabeça de que adiar o fim seria aumentar o sofrimento, seria multiplicar a tristeza, seria perder a chance de dividir com alguém os sentimentos mais doces, as palavras mais verdadeiras.

Foi assim que resolvi dar uma chance a novos caminhos, à tentativa de novas alegrias. Tentativas tantas vezes já frustradas pelas lembranças na minha mente.

Tudo caminhava bem, havia sorrisos e um pouco de alegria, ainda que turva pela insistente e sufocante presença viva dela no meu coração. Inacreditável, mas parecia que tudo voltava, como num passe de mágica, a qualquer lembrança.